



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro Biomédico  
Instituto de Medicina Social

Luiz Fernando Almeida Pereira

**Meninos e lobos:  
trajetórias de saída do tráfico na cidade do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro  
2008

Luiz Fernando Almeida Pereira

**Meninos e lobos:  
trajetórias de saída do tráfico na cidade do Rio de Janeiro**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política, Planejamento e Administração em Saúde.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Alba Maria Zaluar

Rio de Janeiro

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CB-C

P871 Pereira, Luiz Fernando Almeida.  
Meninos e lobos: trajetórias de saída do tráfico na cidade do Rio de Janeiro / Luiz Fernando Almeida Pereira. – 2008.  
175 f.

Orientadora: Alba Maria Zaluar.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Instituto de Medicina Social.

1. Tráfico de drogas – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Juventude e violência – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Crimes e criminosos – Aspectos sociológicos – Teses. 4. Drogas e crimes – Teses. I. Zaluar, Alba Maria. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 618.3-06

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada da fonte.

---

Assinatura

---

Data

Luiz Fernando Almeida Pereira

**Meninos e lobos:  
trajetórias de saída do tráfico na cidade do Rio de Janeiro**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política, Planejamento e Administração em Saúde.

Aprovada em 05 de maio de 2008.

Banca Examinadora:

---

Prof.a Dra. Alba Maria Zaluar (Orientadora)  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof. Dr. Luiz Antonio Castro Santos  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof. Dra. Claudia Barcellos Rezende  
Departamento de Ciências Sociais – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Antonio Cesar Pimentel Caldeira  
Escola de Ciências Jurídicas – Uni-Rio

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Michel Schiray  
Centre National de Recherche Scientifique - CNRS

Rio de Janeiro

2008

## DEDICATÓRIA

Para minha mãe, Maria Alice, por tudo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Alba Zaluar, por ter me incentivado e acreditado nas minhas ideias quando eu já não tinha mais ânimo para levar a frente este trabalho. Alba obteve financiamento para a realização da minha pesquisa e sempre esteve presente na discussão dos rumos desta tese. Sou grato aos membros da banca, composta pelos professores Luiz Antonio Castro Santos, que participou do meu exame de qualificação de tese e ofereceu naquela oportunidade sugestões importantes; Claudia Rezende, que compôs também a banca na ocasião da defesa de minha dissertação de mestrado; Michel Schiray, sempre generoso e empolgado em realizar pesquisas sobre o tema do tráfico de drogas; César Caldeira, cujos trabalhos na área de segurança pública constituem uma referência obrigatória. Meu agradecimento também à secretaria do Instituto de medicina Social, principalmente, Márcia e Marcos Paulo. Ainda no IMS, não posso deixar de mencionar os professores Mario Monteiro, que fez parte da banca de minha qualificação de tese e nunca se furtou a prestar solidariedade, e Sulamis Dain, com quem realizei um excelente curso que possibilitou uma estimulante troca intelectual. Meu agradecimento também à secretaria do Instituto de Medicina Social, principalmente, Márcia, Simone e Marcos Paulo.

Sou grato a Capes, que concedeu uma bolsa de doutorado nos dois últimos anos, o que foi crucial para a consecução desta tese.

Agradeço ao CNPQ e a Finep que deram também aporte financeiro para esta pesquisa.

Destaco o auxílio da equipe do Nupevi, em particular, Rodrigo Monteiro, colega do tempo de mestrado e parceiro das desventuras da vida, e Ana Paula Alves Ribeiro, por sua imensa generosidade e zelo. Isabel Siqueira com sua presença esplendorosa ajudou-me a formatar esta tese.

Meu agradecimento especial a Ailton da Costa Bittencourt, sem a sua ajuda e envolvimento como um verdadeiro auxiliar de pesquisa no trabalho de campo, jamais teria sido possível realizar essa tese.

É preciso registrar o convívio acolhedor do Departamento de Sociologia & Política da PUC-Rio. Agradeço a Maria Sarah Silva Telles, Valter Sinder, Angela Paiva e Eduardo Raposo pelo estímulo constante. Tenho que ressaltar o carinho de

um time de amigas, professoras do departamento, fundamental para que eu não desistisse da ideia da tese. São elas: Aparecida Maria Abranches, amiga desde os tempos da graduação, Rosi Marques Machado, Helga Gahyva, Gisele Araújo, Ana Fernanda Coelho, Tatiana Bacal, Simone Debeux, e Elielma Ayres. E também os professores Ricardo Ismael, Marcelo Burgos, Sonia Giacomini, Santuza Cambraia e Fernando Lattman-Weltman. As secretárias Mercedes, Mônica, Ana Roxo e nossa *housekeeper* Elenice. Agradeço ao Cecesp, onde tive a oportunidade de realizar pesquisas sobre outros temas. Grato a Luiz César Tardin e as secretarias Valéria, Daniele e Dulce.

Minha confraria de amigos foi fundamental para a manutenção da minha estabilidade emocional. Frederico Campos Manhães, Paulo Jorge Ribeiro, José Mauro de Freitas Júnior, Otavio Bonett, Ricardo Cavalcanti, Gilberto Pereira, Vladimyr Lombardo, Paulo D'Ávila, Yuri Kasawara. Meu agradecimento ao casal João Marcelo Maia e Angela Michelatto, pelo carinho incessante e a Gabrielle Corrêa Braga, minha gratidão por sua amizade desprendida.

Meus ex-alunos, Adriana Prado, Pedro Vicente, Pedro Henrique, Thiago Gomide, João Pedro, Ellen, Marielle Franco, Petrucio Soubreira, Edson Jorge, grato pelo afeto.

Não posso deixar de mencionar o meu mestre e amigo, Luiz Eduardo Soares. Seu apoio fraterno foi decisivo para dar sentido ao desafio de escrever esta tese.

Minha mãe, Maria Alice, minha irmã, Ana Lucia, e minha sobrinha, Juliana, constituem a minha família. Para elas, o meu amor.

## RESUMO

PEREIRA, Luiz Fernando Almeida. *Meninos e lobos: trajetórias de saída do tráfico na cidade do Rio de Janeiro*. 2008. 175f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

O tema desta tese é compreender trajetórias de indivíduos que atuaram no tráfico de drogas e de armas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Discuto as motivações que ensejaram a entrada destes indivíduos na atividade criminosa e os efeitos que a passagem pelo sistema prisional causou na constituição de suas identidades pessoais. O objetivo principal é examinar as condições que propiciaram o abandono do tráfico e detectar as mediações que serviram de suporte na tentativa de reinserção no mundo formal e legal. Procurei analisar as atividades do tráfico de drogas a partir das diversas interações entre seus participantes, reconstituídas por entrevistas com indivíduos que exerceram tal atividade. As formas sociais de conexão entre o lícito e o ilícito é examinada neste trabalho a partir das motivações individuais face à forças estruturais que induzem a produção de um jogo de identidades que não toma o indivíduo como um “locus” empírico dotado de encerramento da análise sociológica.

Palavras-chave: Tráfico de drogas. Violência. Cidade.



## ABSTRACT

PEREIRA, Luiz Fernando Almeida. *Boys and wolfs*: output trajectories of trafficking in the city of Rio de Janeiro. 2008. 175f. Teses (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

The theme of this thesis is the individual's trajectories of people who worked in drug trafficking and the weapons trade in the Metropolitan region of Rio de Janeiro. I bring the discussion about the motivations that entailed the association of these individuals with the criminal activity and the effects that the passage through the penitentiary system caused to the constitution of their personal identities. The main objective is to examine the conditions that led to the abandonment of trafficking and detect the mediations that supported the attempted reintegration into formal legal world. I tried to analyse the activities of drug trafficking from the various interactions between participants, reconstructed through interviews with individuals who have exercised such activity. The social forms of connection between what is lawful and illegal is analyzed in this paper from the individual motivations in view of the structural forces that induce the production of a set of identities which do not take the individual as an empirical "locus" for a sociological analysis

Keywords: Drug trafficking. Violence. City.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1	<b>O OVO DA SERPENTE</b> .....	29
1.1	<b>Drogas, cultura e modernidade</b> .....	29
1.2	<b>O crime organizado: muito além do morro</b> .....	45
1.3	<b>Sementes da violência</b> .....	51
1.4	<b>Polícia: ordem e retrocesso</b> .....	60
2	<b>TRAJETÓRIAS NO TRÁFICO</b> .....	70
2.1	<b>Eles não usam <i>black-tie</i>: pobreza e tráfico</b> .....	74
2.2	<b>A embriaguez do sucesso: risco, perigo e emoção</b> .....	77
2.3	<b>A importância de ser honesto: profissionais do crime?</b> .....	86
2.4	<b>Herança e hierarquia</b> .....	93
3.	<b>A MARCA DO CÁRCERE</b> .....	106
3.1	<b>Dor e redenção</b> .....	106
3.2	<b>Deus é meu advogado</b> .....	120
3.3	<b>O fator humano</b> .....	129
4.	<b>PORTAS DE SAÍDA</b> .....	139
4.1	<b>Fuga do passado</b> .....	139
4.2	<b>Virando otário</b> .....	149
4.3	<b>Programas sociais e projetos pessoais</b> .....	155
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	163
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	166

## INTRODUÇÃO

É importante distinguir a questão do objeto do ponto de vista epistemológico, e a questão da experiência metodológica, sob como produzir informações e conhecimentos empíricos que possam responder as perguntas pertinentes ao objeto teoricamente construído. Por optar em não cair na redução do objetivismo nem na armadilha do subjetivismo, o desafio do trabalho aqui apresentado como tese foi fazer a etnografia, ou seja, o estudo do presente e do passado reconstituído nos tempos atuais, junto com a história cultural, social e econômica do tráfico.

A pesquisa que apresento na minha tese se inscreve em um registro qualitativo que busca compreender problemas específicos no tema da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. Ela se insere no âmbito de um projeto de pesquisa desenvolvido no NUPEVI para compensar lacunas nos dados sobre a violência no Rio de Janeiro, “Desigualdade e Violência: Determinantes, simbolismos e processos sociais” (2007), que afirma:

[...] no qual se busca outras fontes, a principal delas os inquéritos de vitimização e as pesquisas etnográficas. Além destes inquéritos, feitos primeiramente na cidade do rio de Janeiro entre setembro de 2005 e junho de 2006 e depois apenas nas favelas da cidade entre maio e julho de 2007, foram usados os dados do Censo de 1991 e 2000 e as séries históricas dos homicídios ocorridos entre 1998 e 2006, segundo o banco de dados do Ministério da Saúde, além dos dados mais recentes de homicídio, segundo a Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro. A ideia é controlar as falhas e possíveis distorções de uma fonte com os dados de outra fonte que permita obter dados quantitativos para apontar as favelas e os bairros mais atingidos violências que atingem os jovens. Por fim, pesquisas etnográficas que aprofundam o conhecimento da dinâmica dos processos sociais e simbólicos nas favelas e bairros pobres da cidade são importantes parâmetros para a interpretação dos dados estatísticos sobre criminalidade e violência. Por aumentar o conhecimento já adquirido nas pesquisas do NUPEVI sobre a dinâmica das relações sociais locais e da construção da identidade masculina, possibilita a montagem políticas de prevenção da violência mais eficazes... No Brasil, são raríssimas as etnografias de grupos marginais de criminosos, usuários de drogas, quadrilhas de assaltantes, delegacias policiais ou necrotérios, o que torna os seus registros especialmente preciosos, seja para contar os sistemas simbólicos constituídos na e por essas atividades, seja para narrar os processos e as interações sociais dos quais resultam os dados registrados. Além disso, no estudo da associação entre tráfico de drogas ilegais e crimes violentos, entre crime organizado e investigação policial da qual resultam os dados oficiais, está a razão do registro mal feito e falho. Por isso mesmo, nas pesquisas sobre o tráfico uso abusivo de drogas ilegais, com seus correspondentes crimes contra a vida e contra a propriedade, devido às dificuldades inerentes de conquistar a confiança e manter a segurança do pesquisador, as pesquisas de campo assumem uma importância grande, na medida em que aprofundam os aspectos subjetivos subjacentes, especialmente a internalização de *habitus* ou práticas violentas, ou ainda as noções de risco que informam os diferentes cursos de ação.

Examinei, então, a partir de um subprojeto realizado por meio de entrevistas qualitativas e grupos focais, a passagem de indivíduos que atuaram no tráfico de drogas ilícitas nas décadas de 1970, 1980 e 1990, que foram presos e hoje se encontram em liberdade. Homens e mulheres afirmam que não pretendem retornar ao mundo crime por uma série de motivos. Trata-se de uma tentativa de examinar as mediações que presidiram tanto o ingresso quanto a saída da atividade criminosa, procurando detectar as mediações que interferiram nas ações dos sujeitos entrevistados para entender tal alternância. Procurei analisar as atividades do tráfico de drogas a partir das diversas interações entre seus participantes reconstituídas pela história oral recolhida nas entrevistas.

A partir de estudos de casos específicos, estabeleci comparações entre as trajetórias e observei quais elementos podem ser considerados decisivos para compreender as circunstâncias que originaram a escolha do expediente de saída. Quais são os limites para a reinserção na vida social institucionalizada e legal de indivíduos que atuaram no tráfico de drogas? Quais são as estratégias de negociação de saída do indivíduo com outros companheiros da quadrilha?

Procurei compreender as razões pessoais, que são vividas subjetivamente, mas com significados sociais distintos, portanto como parte do plano simbólico e prático de cada um dos entrevistados. Com isto, busca-se evitar os determinismos e as explicações reducionistas que apelam para causas determinantes exclusivas. Logo, o objeto em si é a reconstrução das trajetórias de indivíduos que abandonaram o tráfico e a criação de padrões, significados e jogos que configuram esta saída. No sentido abstrato-teórico é o exame da possibilidade e das implicações do protagonismo individual refundando trajetórias sociais. Há contextos que tornam isso mais provável, há implicações trazidas para as redes de relações dos indivíduos envolvidos que é preciso descobrir e entender.

Para tanto realizei entrevistas com indivíduos que atuaram neste empreendimento e que foram identificados e condenados pela justiça, e hoje se encontram em liberdade ou no regime semiaberto. O trabalho de campo sofreu uma série de dificuldades típicas de uma pesquisa que aborda o que na sociologia se convencionou chamar de desvio<sup>1</sup>. A procura de informantes qualificados, ou seja,

---

<sup>1</sup> O termo inglês *deviance* foi popularizado nas ciências sociais na década de 60, graças a Howard Becker que publicou o livro *Outsiders*. É importante salientar que Becker utiliza a expressão desvio ampliando a sua conotação, pois não se trata apenas de estudar o crime em si, mas compreender os mecanismos da justiça

localizar participantes deste evento foi um dos principais obstáculos. Graças a uma rede de conhecimento prévio<sup>2</sup>, resultado de pesquisas realizadas no Núcleo de Pesquisas das Violências, especialmente graças a um informante-chave indicado pela minha orientadora de tese, foi possível estabelecer contatos com homens e mulheres que se dispusessem a conceder entrevistas. Foi, portanto, uma pesquisa em que partilho o material etnográfico obtido com a Professora Alba Zaluar.

O fato de já terem cumprido pena, facilitou em parte a localização destes indivíduos, assim como também para eles tornou menos custoso falar sobre o período de suas vidas no qual estiveram no exercício da atividade considerada criminosa. Contudo, existem fatos que estes indivíduos preferem omitir, crimes, assassinatos que não querem que venham à tona. Há todo um empenho pessoal para ocultar algumas passagens, manter em sigilo acontecimentos, que do ponto de vista pessoal, são desagradáveis, seja por lembrar algo que fizeram e hoje se arrependem, seja pelo caráter pragmático, uma vez que uma revelação sobre fatos e pessoas do passado pode trazer consequências desfavoráveis, especialmente a confissão de crimes pelos quais nunca foram condenados.

Assim, cabe ao pesquisador formular métodos que consigam driblar esta dificuldade inicial. O primeiro passo foi explicar o que era a pesquisa e quais eram as questões que eu estava interessado em compreender, deixando claros os propósitos do trabalho. É evidente que o anonimato foi a condição básica para iniciar qualquer contato pessoal. A garantia que as entrevistas, mesmo gravadas em áudio, transcritas e publicadas, preservariam as suas identidades.

Foram realizadas 32 entrevistas, 26 homens e 6 mulheres. Entrevistas abertas, com perguntas definidoras do perfil socioeconômico, que neste caso era muito homogêneo. Alguns indivíduos que foram contatados se recusaram a prestar depoimentos. Alegaram falta de tempo para se deslocarem à universidade<sup>3</sup>, ou em outros casos, houve quem quisesse uma remuneração para contar a sua história no tráfico, o que foi recusado.

Alguns indivíduos afirmaram, antes do início da entrevista, que estavam felizes por poderem contar as suas histórias e com isso apresentar a “verdade dos

---

penal e da lei, a partir de outra lente, que permitisse examinar as mais diversas transgressões da vida social urbana.

<sup>2</sup> A dissertação virou livro, cujo título é *De olhos bem abertos: redes de tráfico em Copacabana*. Rio de Janeiro, Ed FGV, 2003.

<sup>3</sup> Foi dada uma ajuda de custo para cobrir a despesa com transporte.

fatos”, e ratificar que a “vida do crime” não vale a pena. A assimetria entre entrevistador e entrevistado, pesquisador e indivíduos que passaram pelo crime, acaba, como salientou Bruce Jacobs (1998), alhures, propiciando uma fala mais aberta deste grupo. Este fator foi importante para esmiuçar, no decorrer da conversa, com o gravador ligado, questões pessoais e trabalhar ao nível da subjetividade. Assim, consegui, aparentemente, dar conta de um problema que atormenta qualquer pesquisador, a inserção. Uma vez que o acesso foi concedido, ou seja, os indivíduos se encontravam em uma sala com o gravador ligado, cientes que eu faria perguntas sobre suas atividades criminosas, a permissão para eu indagar sob certos aspectos mais obscuros da carreira criminosa havia sido dada.

Todavia, não significa que eu iria obter todas as informações de maneira tranquila. Em vários momentos houve constrangimento quando se tocava no nome de algum traficante midiático. Procurei distencionar estes instantes com a garantia, mais uma vez, do anonimato do entrevistado, mas também que não era preciso citar nomes. Sucede que o anonimato é um valor crucial dentro do ramo da criminalidade. Ainda mais no tráfico de drogas que está permeado pela violência.

Várias entrevistas foram realizadas com grupo de três indivíduos, uma estratégia combinada em conjunto com a minha orientadora que participou também de quase todas das entrevistas. Não se tratava propriamente de um grupo focal, geralmente com sete ou oito pessoas, mas funcionou como uma forma de exercício de interdependência e interlocução entre os entrevistados. Em outras palavras, como eles eram sujeito e objeto neste evento (a entrevista), criou-se uma vigilância mútua, na qual cada pedaço do relato era ouvido pelos demais. Assim, havia uma comunicação simbólica entre os indivíduos e em vários casos ocorreram diálogos paralelos e espontâneos entre os participantes o que contribuiu para elucidar algumas passagens mais truncadas a respeito do funcionamento do tráfico de drogas<sup>4</sup>.

Os efeitos colaterais desta interdependência foram profícuos na medida em que na hipótese de um relato ser um pouco mais exagerado, a mera presença de outras pessoas que conhecem as práticas do tráfico de drogas, provocava constrangimento naquele que detinha a palavra. Torna-se uma questão distinta se,

---

<sup>4</sup> Essa polifonia não tornou o depoimento do entrevistado em questão um caos. Tomei cuidado para que a exibição de diversas vozes não acabasse se tornando um filme de Robert Altman, onde todos falam ao mesmo tempo e não se consegue compreender quase nada. A vida real é como nos filmes do falecido Altman, mas numa pesquisa científica não é cabível.

em outro contexto, esses indivíduos fossem entrevistados na prisão. É comum ouvir depoimentos de sujeitos encarcerados que acentuam uma “história triste”. Os entrevistados iam até a universidade, esse deslocamento produziu em alguns o sentimento de reconhecimento. Vários nunca haviam pisado na UERJ.

O problema da inserção no meio sociológico remete à importância de “informantes cativos”. O trabalho de William Foote-Whyte, *Sociedade de esquina*, um clássico das ciências sociais, publicado no início da década de 1940, constitui um exemplo deste ponto. O autor estabelece dois tipos de organização social. Os “peixes miúdos” e os “peixes graúdos”. No primeiro grupo estão os “rapazes de esquina”, inferiores socialmente, e os “rapazes formados”, em franca ascensão social. No segundo grupo se inserem os gangsters e os políticos. O autor contou no primeiro grupo com um informante chave, chamado Doc, que pertencia aos “rapazes de esquina”. Isto foi fundamental para Foote-Whyte observar e descrever com profundidade as complexas redes de relações, os padrões de interação e as trajetórias individuais. Nesta pesquisa contei com um indivíduo que serviu para agilizar alguns contatos. Mas a sua maior contribuição foi estar presente em muitas entrevistas, o que reforçou a interdependência entre os entrevistados, que mencionei antes. Becker, definiu desta maneira, esse ponto:

Esta estratégia resolve o problema do acesso de forma conveniente; pelo menos se conhece alguém que pode ser observado ou entrevistado, e pode-se tentar fazer com que este indivíduo o apresente aos outros e seja o seu fiador, desse modo deflagrando uma espécie de amostragem em bola de neve. (BECKER, 1999, p. 155).

Pude notar no andamento da pesquisa que o estigma que afeta este grupo (ex-trafficante, ex-bandido, ex-presidiário) funcionou de forma dupla. A primeira, como já mencionei, diz respeito à abertura que os indivíduos deram para intrometer-me nas suas vidas pregressas. Ao falar do passado, no presente, os discursos agiram como uma catarse. Expor as razões pelas quais adentraram o mundo crime, contar como era o seu funcionamento, como se construíram as relações de consenso e conflito, descrever os hábitos das quadrilhas, as configurações de poder, tudo isto serviu para estes indivíduos regularem as suas próprias biografias.

É evidente que o pesquisador sempre terá padrões de respostas, prontas para comover e criar graus de empatia. Este é um dos grandes desafios da pesquisa qualitativa. Contudo, o uso que o pesquisador faz destas tendências pode gerar o

sentido que os indivíduos atribuem às suas condutas. A etnometodologia, sobretudo na figura de um de seus principais expoentes, Harold Garfinkel, prestou contribuições valiosas para compreender como a conduta humana possui um caráter racional e prático diante dos mais variados contextos, e se contextos são formados por relações é preciso levar em conta as narrativas fragmentadas, incompletas, oferecidas pelos atores sociais.

Note-se que o ponto de vista dos entrevistados está no registro do estigma. E isto não é algo que eu decidi como pesquisador, pois são as condições concretas da pesquisa. A admissão do estigma por parte dos entrevistados, entretanto, não afetou a consciência em relação aos fatos de suas vidas. Ao contrário, a interpretação em alguns casos poderia até ser considerada dura, sem subterfúgios para comentar a entrada na carreira criminosa. Falar sobre isto ensejou então o tal efeito catártico.

O segundo aspecto relacionado ao estigma se refere à variação. Embora todos tivessem, no geral, trajetórias similares - percurso no tráfico, passagem pela prisão e liberdade e reinserção, e a origem social, como destaquei anteriormente, era homogênea - a variabilidade das respostas foi imensa. Ocorre que a grande vantagem do método biográfico aliado à análise histórica é justamente valer-se dos relatos pessoais daqueles que foram envolvidos nos grandes temas da pesquisa em curso: tráfico de drogas, violência urbana, e a partir da sua condição específica, sua trajetória individual, sua economia psíquica, compreender os diversos níveis de interação aos quais estava ligado em diferentes momentos de sua trajetória, entrando no crime e saindo dele.

Procurei conectar estes aspectos com as estruturas sociais vigentes e formular um conhecimento sobre tais fenômenos. Como o objeto da pesquisa não era estudar o estigma em si, tal aspecto acabou por enriquecer o trabalho, fornecendo dados sobre a autorepresentação individual e a maneira como reagem quando ocorrerem situações estigmatizantes, como a procura de emprego e o preenchimento de um cadastro, situação em que aparece a figura do ex-presidiário.

A riqueza da pesquisa de campo não se restringe à realização de entrevistas. Obtive informações relevantes e *insights* depois que o gravador foi desligado, quando a sala já estava vazia. Assim, a participação do “informante chave” é crucial. De fato, existe um relaxamento maior quando o gravador está desligado. Neste sentido, a utilização de entrevistas com gravador ligado torna-se muitas vezes inviável, o que não foi o caso desta pesquisa, mas para a superação destas



adversidades indico aos meus alunos algo que aprendi com meus mestres, levar o gravador, caso não se obtenha a permissão para a gravação, ligá-lo quando terminar a entrevista e fazer uma narrativa de tudo o que ocorreu. É claro que muitos dados vão se perder no meio do caminho e existirá uma variação do que foi dito pelo entrevistado, mas há padrões de resposta que induzem a construção de um repertório estruturado de informações. O gravador inibe, coage e age como um termômetro para a prática discursiva. Por outro lado, quem está com a palavra, se sente ouvido, considera-se importante, visível, isto ocorreu muitas vezes nas entrevistas. O indivíduo se empolgava e começava a falar sobre fatos interessantes ocorridos em disputas dentro do tráfico. Logo, quando percebia o a gravador ligado, voltava a se policiar.

O “informante chave” foi como um pêndulo que oscilava entre as necessidades da pesquisa, sobre as quais estava a par e mesmo sendo um leigo compreendia de forma mínima qual era o teor do trabalho, e ao mesmo tempo pertencia ao grupo pesquisado, se identificava como tal e conhecia as artimanhas e os truques que porventura surgissem no decorrer das entrevistas. Por exemplo, o uso de gírias. Em alguns momentos uma expressão ou outra passava despercebida e nessas ocasiões o “informante chave” “consertava” o sentido e esclarecia qual era o seu significado.

Assim, o controle da experiência sobre a pesquisa é sempre filtrado por nossas representações e crenças. Howard S. Becker (1963) detectou esse problema com relação ao tema do uso de drogas. Em geral,

Tanto especialistas quanto leigos interpretam comumente o uso de drogas como uma “fuga” de algum tipo de realidade que o usuário supostamente considera opressora ou insuportável. (BECKER, 2007, p. 34).

Até que ponto vai o envolvimento do pesquisador com seu objeto? Essa pergunta mesmo que tenha sido respondida de várias formas por diversos pesquisadores por mais de um século, ainda persiste como uma questão. Sobretudo quando se refere a um trabalho sobre percursos individuais no mundo do crime, particularmente no tráfico de drogas, cujo um dos vetores principais é a violência.

Uma das principais estratégias que adotei foi combinar a liturgia do cargo - pesquisador – com a informalidade e demonstrar para os entrevistados que realmente estava interessado em ouvir seus depoimentos. No meu trabalho anterior

sobre usuários de drogas em Copacabana, eu não revelei para algumas pessoas envolvidas na comercialização de drogas ilícitas a minha “real” identidade. Nesse caso, agora, todos que foram à UERJ sabiam sobre o que eu queria, ou pelo menos tinham uma ideia do que era a pesquisa. Isto não quer dizer que um método seja superior ao outro. Cada trabalho deve ter seus métodos apropriados para a coleta de dados, segundo os objetivos teóricos e empíricos do projeto de pesquisa.

O ponto é que a distância social entre o pesquisador e o grupo estudado quase sempre vai ficar evidente, ainda mais no contexto da universidade em que o papel do pesquisador está muito bem explicitado. O contato face a face não elimina a distância social. Contudo, há um agravante, embora a maioria dos entrevistados tenha relatado que no presente passam por dificuldades, sobretudo do ponto de vista financeiro, no passado alguns deles tiveram posição de destaque no tráfico de drogas. Com isso, muitos acenaram com a forte visibilidade social que dispunham em tempos idos. Um exemplo disso é a menção recorrente a passagens pelas páginas de jornal e canais de televisão, como procurado pela polícia, foragido da justiça, quando estavam na vida do crime. A notoriedade de outrora, ainda que num registro negativo nas concepções subjetivas de hoje, estimulava-os a falar mais de suas carreiras criminosas (com exceção dos convertidos à religião protestante, que não demonstravam orgulho do passado). Ocorre que quando indivíduos falam de sua passagem no tráfico, assumem uma lógica que mistura o discurso subjetivo, que estabelece um ponto de vista pessoal, autorizado pela experiência individual, com o mundo objetivo que se impõe por meio das representações coletivas. Ao narrar fatos sobre suas trajetórias no tráfico, é evidente que a memória destes indivíduos é seletiva, mas também funciona uma expressão sobre determinados acontecimentos. Como nota Zaluar:

Quando fala sobre estas experiências e esboça um entendimento delas, o próprio delinquente é um criminólogo e atesta a continuidade de experiência entre criminosos e não-criminosos. (ZALUAR, 1990, p. 54).

Dentro do grupo pesquisado existe uma hierarquia que, é claro, se dissipa com a saída do tráfico, mas que continua no registro mental dos indivíduos. Foi comum ouvir do meu “informante-chave” avaliações sobre os relatos ouvidos. Não havia interferência da sua parte na tentativa de corrigir narrativas, mas depois, quando saímos da sala e íamos a um bar, contava que fulano poderia ter dito mais,

beltrano tem apenas uma “historinha” no tráfico, mas se acha importante, já o outro que realmente foi protagonista, ratificou tudo aquilo que já sabia dele.

Jeff Farrell e Mike Hamm em *Confissões sinceras: crime desvio e trabalho de campo* (1998) enumeraram várias desventuras pelas quais pesquisadores passaram. Na ocasião do lançamento do meu livro *De olhos bem abertos: redes de tráfico em Copacabana*, minha dissertação de mestrado, era comum jornalistas me perguntarem se eu corri algum perigo ou se senti medo em acompanhar usuários e “vapores” nas ruas do bairro, ou se ainda não encontrei problemas com a polícia. Para o desapontamento destes profissionais respondia que não corri perigos, e com isso eliminava a sanha dos jornalistas em busca do extraordinário<sup>5</sup>.

Na presente pesquisa, como se tratou de uma experiência mais controlada – eu não andava nas ruas atrás de ex-trafficantes – os perigos, em tese, seriam menores. Eu não corri o risco de ser confundido com um policial, embora os entrevistados ficassem apreensivos com o destino do material colhido. Ocorre que mesmo que esses indivíduos tenham abandonado o tráfico de drogas, cortado suas relações com os seus respectivos comandos, alguns foram “donos de morro” e são arquivos vivos das organizações criminosas. Têm informações preciosas que podem interessar às autoridades de segurança pública. Assim, o pesquisador se vê diante de um dilema moral e ético, um pouco à semelhança do padre que houve uma confissão, o pesquisador prometeu ao seu informante sigilo em relação a determinados trechos de sua entrevista. Deste modo, é preciso que a liberdade para a pesquisa seja preservada, sem que a liberdade do informante seja ameaçada. Todo o cuidado foi usado no presente texto para preservar o sigilo e ocultar suas verdadeiras identidades.

Uma pesquisa sempre se depara com as contingências. Certa vez, havia marcado uma entrevista com três indivíduos. O primeiro era originalmente de fora da cidade do Rio de Janeiro, depois se estabeleceu em uma favela muito conhecida da zona norte. O segundo foi “dono de morro” na zona sul e o terceiro igualmente. Este último chegou um pouco atrasado e ficou nos fundos da sala observando os depoimentos dos dois primeiros e por vezes fazendo alguns comentários. O primeiro “dono de morro”, ao acabar sua entrevista, precisou se retirar porque tinha outros compromissos agendados, ao virar-se para a porta da sala avistou o outro, que

---

<sup>5</sup> Bruce Jacobs, em *estudando traficantes de crack*, (tradução de Patrícia Farias) relata seus apuros, sobretudo com um “informante chave” que o roubou.

exerceu função semelhante a sua na hierarquia do tráfico, e em comunidades vizinhas, na mesma época. Os dois pertenciam à mesma facção, no entanto tiveram desavenças no passado. Contudo, agora, em outro momento da vida, abraçaram-se e conversaram por cinco minutos. O que ficou para dar entrevista ressaltou que o outro estava “mudado” – um caso de conversão religiosa - e que, de fato, chegaram a ter uma “guerrinha”<sup>6</sup> no início dos anos 1990. Dois indivíduos que no passado se envolveram em conflitos, se reencontram e têm uma relação cordial. Não houve tempo para alongar a conversa, mas procurei explorar os dois lados da “guerrinha” e obtive dois pontos de vista distintos. Mas, agora, com trajetórias diferentes, ocupando posições sociais distintas que não se confundem, estes indivíduos afirmaram que o que aconteceu está no passado e no presente não há mais espaço para qualquer tipo de enfrentamento.

Esse é um exemplo que serve de advertência para os pesquisadores que por vezes insistem em tratar os indivíduos como categorias analíticas. Aquele foi o reencontro de dois homens que tiveram passagem pelo tráfico, mas que não são apenas ex-trafficantes, ex-presidiários. Não se pode reduzir a pessoa a uma categorização que não explica muita coisa. Deste modo, amparado pelos “truques” de Becker (2007), procurei não explicar a trajetória individual pelo “tipo” que o sujeito representa, ou apenas como se autotransclassifica. A dicotomia desviante e não-desviante não é suficiente para dar conta da complexidade empírica. Becker afirma que:

O que está errado é que esse tipo de exame toma como a sua unidade básica de análise, um tipo de pessoa, tratada analiticamente como se isso fosse tudo o que ela é, e como se o que essas pessoas fazem ou tendem a fazer fizesse sentido, tivesse sido “explicado” causalmente pelo tipo de pessoas que são. (BECKER, 2007, p. 69).

Com isso, Becker está alertando para o caráter inesperado que envolve as atividades exercidas pelos indivíduos. Portanto, os comportamentos são dados a imprevisibilidade e nem sempre os indivíduos vão agir da mesma maneira. Há situações particulares em que as ações vão ser díspares e não se restringem ao fato do indivíduo estar “preso” aquele papel. Note-se que o tráfico de drogas é uma atividade na qual os indivíduos se inserem, ainda que tenham algumas condutas padronizadas, repitam em algum grau regras mais rígidas do “empreendimento econômico” ou “negócio”, todo o contexto específico pode ser alterado a partir da

---

<sup>6</sup> “Guerrinha” é um termo muito usado pelos ex-trafficantes e significa desavenças e conflitos em escala menor. Seriam situações onde pode ter ocorrido troca de tiros, mas sem uma sequência mais longa de combate.

mudança nas relações. Portanto, seguindo os passos de Becker, é preciso transformar “pessoas em atividades” (Becker, 2007, p.69). O que significa destronar os indivíduos de uma suposta entidade fixa e torná-los membros de um contexto formado de situações nas quais esses mesmos indivíduos atuam segundo tais regras e padrões.

Desde Weber, a tipificação é moeda corrente nas ciências sociais. Mas o sociólogo alemão criou o conceito de tipo ideal sem a conotação ética ou normativa, é antes uma construção metodológica para simplificar a realidade. Não estou afirmando que ex-trafficantes e demais indivíduos que se envolveram com o tráfico de drogas sejam tipos-ideais weberianos, mas chamando a atenção para o cuidado com as categorizações.

Então, quando realizei a classificação de tipos presentes na hierarquia do tráfico e sua distribuição nas redes de poder dentro das quadrilhas, minha preocupação era buscar uma compreensão sobre os meandros da estruturação do tráfico e não com um caso especial de um determinado traficante.

Na verdade, Becker (2007) salienta que o que está em jogo é uma tensão entre processo e estrutura. As ações e situações nas quais os indivíduos se envolvem representam um espectro variado de possibilidades para definições sociológicas. Velho (1998) em sua tese sobre o uso de drogas por camadas médias urbanas procurou fazer uma análise sistemática dos estilos de vida e visões de mundo a partir do olhar do grupo pesquisado. Zaluar (1985) procurou compreender o modo de vida de segmentos populares e seus horizontes simbólicos, desvinculando a questão da violência do tema da pobreza. Ao realizar a pesquisa em um conjunto habitacional, no início dos anos 1980, a autora demonstra como a existência de quadrilha de traficantes descortina uma série de possibilidades que compõem a construção social da realidade de seus moradores, construção esta feita a partir das identidades de “trabalhador” e “bandido”, e como tais categorizações expõem a complexidade dos processos sociais presentes no local.

Antes, ao mencionar a relevância do “informante chave”, fiz referência ao uso de gírias por parte dos entrevistados. Nesse ponto, o tema da linguagem se impõe como crucial no desenvolvimento da pesquisa. Há todo um repertório específico no universo do tráfico de drogas que carece de um certo tempo para o pesquisador decodificar. O repertório utilizado na comunicação oral e simbólica por indivíduos que estiveram na atividade criminosa é extremamente peculiar, assim como em

qualquer grupo mais específico. Howard S. Becker, na sua pesquisa sobre educação médica na Escola de Medicina da Universidade de Kansas City, enfrentou problemas similares no trabalho de campo. O significado das palavras está inscrito em determinado conjunto de relações e numa seleção de signos que pautam os seus usos. A expressão *crock* utilizada pelos médicos da universidade na qual Becker pesquisava, era absolutamente corriqueira para o grupo médico e possuía uma conotação pejorativa. Mas não era apenas porque significava que o paciente tinha uma doença psicossomática, mas revelava as aspirações dos próprios médicos em relação a sua carreira profissional, que passava obrigatoriamente pelo atendimento ao público. Nas palavras do autor:

Aprender o que era um *crock* foi, portanto, uma questão de desemaranhar com cuidado os múltiplos significados embutidos nessa simples palavra, e especialmente decifrar a lógica do que nos estava sendo dito, encontrando as premissas maiores sobre as quais as atividades dos estudantes (e, de fato, também do pessoal) se baseavam. (BECKER, 2007. p. 201).

A militarização do tráfico presente na aquisição e manejo de armas, assim como no estabelecimento de uma hierarquia será analisada na parte II desta tese. Durante as entrevistas era comum os indivíduos fazerem um gesto com o braço apontado por cima dos seus ombros. Essa expressão surgia em geral quando o entrevistado estava fazendo referência às relações entre os componentes da quadrilha. Indaguei a todos o que significava, e é claro, todos achavam óbvio - como eu não poderia saber - representava patente, ou seja, a concessão segundo regras internas da quadrilha, de uma titulação que permite o exercício do poder e a manutenção de certos privilégios.

No decorrer de um trabalho de campo surgem muitas vezes pedidos de favores feitos pelas mais diversas pessoas. É claro que grupos sociais mais vulneráveis tendem a solicitar benefícios, imaginando que existe uma troca estabelecida entre o pesquisador e eles. Assim, na prisão os detentos enfiavam bilhetes nos bolsos dos pesquisadores e fazem pedidos orais, que vão desde de uma indicação para um advogado cuidar do seu caso até a divulgação da banda de rock da cadeia. Na presente pesquisa, a maior solicitação que foi feita por parte dos entrevistados dizia respeito ao trabalho. Muitos (homens) estavam em ocupações instáveis (construção civil, um serviço provisório, pois a obra que tem prazo para terminar) e pediam, com muita prudência, de forma acanhada, uma indicação para

um trabalho. Expliquei que não tinha condições concretas de arranjar emprego para ninguém.

Mas não foram pedidos apenas de emprego, alguns requeriam informações jurídicas que estavam para além dos meus poucos conhecimentos sobre o Direito. Minha orientadora e eu encaminhamos alguns entrevistados para o escritório modelo da Faculdade de Direito da UERJ, para obterem assistência jurídica qualificada. Além disso, casos de solicitação de médicos para tratamento de saúde. Ao menos dois casos de tuberculose que interromperam os procedimentos e estavam em busca de assistência médica. É interessante notar que todos os pedidos foram feitos ao término das entrevistas, nunca antes de começar.

Na introdução de *A máquina e a revolta* (1985), Zaluar chama a atenção para o envolvimento compreensivo do pesquisador com o grupo estudado. Seria uma participação movida pela sensibilidade e razão. A primeira conduziria o pesquisador a se envolver com as histórias de vidas de cada um, com sua riqueza singular, única. A segunda orienta a relação com os indivíduos de tal maneira que esta não converta em paternalismo e tampouco anule a dignidade pessoal. É uma linha tênue, na qual o pesquisador deve caminhar sempre se perguntando e questionando os rumos que o trabalho está tomando.

Na relação que estabeleci com todos os entrevistados, deixei claro que não faria promessas. Não teria possibilidades de arrumar emprego, arranjar médico, conseguir advogado. Então para que eu servia? Mencionei antes que a maior parte dos indivíduos sentia-se feliz em dar a entrevista, contar um pouco das suas vidas. E foi com essa vontade de exposição que procurei explorar e fazer com que eles pudessem revelar os meandros de suas passagens pelo tráfico de drogas e pela prisão. A simples valorização de suas trajetórias individuais foi o suficiente para adquirir algum grau de empatia. Na medida em que deixei claro (imagino eu) os objetivos do meu trabalho, os usos que pretendia fazer com as informações obtidas, as entrevistas aconteceram sem problemas. De fato, quase todos demonstravam orgulho pelo meu interesse em suas trajetórias, e não era apenas pela passagem pelo tráfico, também pela reconstrução da vida após a experiência prisional. Isso colaborou para a promoção da autoestima destes indivíduos.

Ocorre que a figura do professor e pesquisador nesses casos se transforma muitas vezes na imagem do aprendiz e os entrevistados são os professores. Ensinam como funciona a estrutura do tráfico, as suas complexas redes de

hierarquia e poder. O cotidiano da prisão e as dificuldades pessoais de reinserção na vida formal e na legalidade. E se o pesquisador classifica, os entrevistados também têm lá as suas representações sobre o profissional da sociologia. A diferença de classe muitas vezes surgia na pergunta de quatro entrevistados, que indagaram o local onde eu morava. Hesitei em responder, mas tive que informar, para logo em seguida provocar a interjeição: “tá vendo?” Como já realizei trabalhos de campo em favelas dominadas pelo tráfico, e possuía experiência e conhecimento sobre tais atividades, a comunicação tornou-se menos ardilosa. Mas nem por isso deixei de me surpreender, aprender e apreender com relatos ricos em detalhes que forneciam dados preciosos sobre o tráfico de drogas, sobre as condições da prisão. Em cada entrevista havia uma visão acerca das instituições família, classe, escola, polícia e do próprio tráfico.

Uma das maiores armadilhas metodológicas é a de se pensar sempre em termos de dualismos. Informal/formal, privado/público, ação/estrutura. Dizendo, mais uma vez o que foi discutido anteriormente, essas são categorias analíticas que ajudam o pesquisador a interpretar o mundo. Mas a vida social possui uma dinâmica tão intensa que as práticas cotidianas são constantemente reconstruídas e o significado social pode variar de forma surpreendente, apesar de padrões e regras recorrentes. Era o que o fundador da pesquisa de campo etnográfico, Malinowski, denominava “os imponderáveis da vida real”

Isto não quer dizer que as dicotomias não possam ser ferramentas valiosas para decifrar os meandros de processo sociais complexos, mas é preciso cautela para cair na reificação. Norbert Elias é uma referência obrigatória para este caso. Seu livro *Estabelecidos e Outsiders* é um exemplo de análise sociológica bem construída, sem malabarismos teóricos vazios e com consistência analítica, Elias oferece um importante estudo sobre o imaginário de grupos sociais, esvaziando a explicação advinda das personalidades individuais e reforçando o caráter processual das relações sociais e sua interdependência.

Essa questão das dicotomias que se esforçam para interpretar a vida social, revelando os antagonismos e as oposições presentes no que se denomina sociedade, pode ter algum rendimento analítico. Contudo, obscurece a casos específicos, arranjos sociais peculiares que extrapolam a teoria. Um exemplo é a crítica que Teresa Caldeira (1992) faz a Roberto da Matta. Este último ao formular uma interpretação marcante da experiência social brasileira, incorre, segundo



Caldeira, na formulação de estereótipos que não alcança a dimensão do debate sobre a violência no Brasil. Segundo Caldeira:

Ao associar a casa ao que é privado, pessoal e protegido, e ao identificar a rua com o público, impessoal e perigoso, essa explicação transforma a violência num problema de relacionamento em público e frequentemente entre pessoas de diferentes classes, obscurecendo a percepção de sua presença constitutiva dos relacionamentos interpessoais e domésticos em todos os grupos sociais. Se quisermos entender o apoio da população (incluindo o das classes mais humildes) a uma força policial que mata e à pena de morte, também como a sua oposição aos direitos humanos, temos que considerar a prática disseminada e o apoio a intervenções violentas no corpo (que inclui o espancamento de criança e mulheres dentro de casa que supostamente deveria protegê-las). (CALDEIRA, 1992, p. 142).

Com isso, os dados de uma pesquisa precisam ser burilados de tal forma que os princípios lógicos que presidem a investigação não se confundam com a teoria substantiva, mas essa mesma teoria para ter validade científica precisa estar amparada por procedimento, técnicas e truques (Becker, 2007) que vão produzir um conhecimento sobre um determinado fenômeno. Caldeira faz uma crítica à teoria, mas também chama a atenção para a metodologia e a importância da pesquisa. Somente o trabalho de campo, com os mais variados métodos, confere algum dado que pode ser revelador sobre o social. Ou antes, uma especulação sobre determinado tema, será ratificada, legitimada ou não, a partir, da interpretação que o pesquisador fará em cima dos dados obtidos. Os conceitos são, então, necessários para a realização da ciência. Referem-se a uma descrição que classifica, denomina, representa um determinado significado sobre algo.

Ademais, é importante ressaltar que o trabalho de campo impõe ao pesquisador um olhar sob a sua própria perspectiva. O processo dialógico com os nativos não elimina a interpretação própria, mas autoriza a apreensão de ensinamentos que relativizam certezas antes solidamente construídas. Afinal, como afirma Becker (2007), o fundamental não é apreender “o que eles pensam”, mas “como eles pensam”.

O desafio de qualquer metodologia é o de construir um estudo lógico dos princípios que orientam a pesquisa científica. Assim, na pesquisa que desenvolvo, procuro princípios gerais que norteiam o meu trabalho de campo. Contudo, a advertência de Howard S. Becker (1999) de que o cientista social deve se sentir livre para criar métodos de pesquisa capazes de solucionar os problemas inerentes a uma pesquisa, ainda não podem ser desprezados.

Os princípios gerais aos quais me refiro, são conhecidos no ofício da Antropologia e da Sociologia, ao menos no que diz respeito a uma pesquisa qualitativa. A definição do campo de pesquisa, o uso de uma rede estruturada de informantes, a realização de entrevistas com técnicas que diminuam a possibilidade de obter informações não confiáveis, o cruzamento de dados obtidos são algumas das preocupações que me nortearam. Deste modo, a investigação científica apoiada em um método qualitativo, se estabelece em determinados lugares a partir dos discursos produzidos e de toda a comunicação simbólica exercida.

Michel de Certeau (1982) torna-se uma referência obrigatória para se pensar os mais variados discursos dos atores sociais como práticas. A localização da produção discursiva serve para instaurar a topografia, o terreno no qual os objetos e os acidentes se encontram numa superfície e é neste plano que a linguagem como um sistema simbólico designa arbitrariamente as visões de mundo, as normas e interesses. Porém, o alerta de Koselleck, (1992) é providencial para lembrar que a palavra que permanece a mesma pode ter seu conteúdo alterado em razão das mudanças designadas pela própria "realidade histórica" que lhe deu origem. Ou seja, textos geram contextos, novas situações históricas engendram novas formulações conceituais.

Além disso, é preciso ressaltar que o campo da minha pesquisa impõe alguns cuidados não apenas para a segurança dos informantes, entrevistados, como do próprio pesquisador. Os praticantes da observação participante conhecem bem as aflições que cercam a inserção em algum grupo, a obtenção da permissão para acompanhamento das atividades, dos rituais, obedece na maioria dos casos uma lógica própria, ainda mais quando se trata de locais de conflitos extremos, no qual a violência é um ingrediente cotidiano.

Também se impõe o cuidado que o cientista social deve ter ao utilizar as declarações obtidas. Cuidado que os historiadores devem ter ao examinar um documento, apreciar uma fonte. A credibilidade dos informantes é uma exigência para a realização de uma pesquisa consistente e a adoção de uma posição sociológica de que as declarações que um indivíduo faz sobre um determinado evento, suas impressões sobre algum fato, partem da posição social deste indivíduo. Contudo, um relato defeituoso, ambíguo pode ter um significado social relevante. A cautela metodológica conecta-se ainda com as declarações dirigidas e espontâneas dadas pelo entrevistado ou informantes.

O trabalho, *Etnography at the edge – crime, deviance, and field research* de Mark S. Hamm e Jeff Ferrell<sup>7</sup>, examina as tensões pelas quais passam os pesquisadores sociais nos seus respectivos trabalhos de campo. A censura informal de colegas a pesquisadores<sup>8</sup> que tratam de temas como crime, desvios também são observados pelos autores, assim como a coação por vezes feita pelas autoridades<sup>9</sup>.

Outro ponto crucial neste quadro da metodologia refere-se à formulação de hipóteses. É corrente nas ciências sociais que a construção de hipóteses é uma questão complexa. Mais uma vez Becker (1999) adverte que existe uma mitologia científica que as hipóteses devem ser obtidas dedutivamente. Porém, as melhores hipóteses são formuladas não antes, mas no curso do trabalho de campo etnográfico que não recolhe dados quantitativos para comprovar estaticamente suas descobertas. Isto se chama “grounded theory”. Desenvolver hipóteses obriga um enfoque analítico e torna indispensável a aquisição das narrativas pessoais para que se desenvolva uma estrutura lógica a partir da qual se ergam procedimentos sistemáticos. Como certa vez afirmou um clássico da sociologia, que esta disciplina (sociologia) está condenada à juventude, pois a sua produção de conhecimento é sempre provisória.

Esta tese trata de trajetórias de indivíduos que atuaram no tráfico de drogas e armas ilícitas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Inicia-se com o ingresso neste empreendimento criminoso e segue a passagem destes indivíduos pelo sistema prisional e a tentativa de reinserção na vida social formal e legal. Está dividida em quatro partes e uma introdução. Esta seria uma tentativa de demonstrar a metodologia por mim adotada na pesquisa e expor questões relativas ao trabalho de campo realizado.

A primeira parte analisa a estruturação do tráfico de drogas e armas e como esta atividade possibilitou a expansão da criminalidade violenta na cidade do Rio de

---

<sup>7</sup> In: *Etnography at the edge – crime, deviance, and field research* (tradução: Uma etnografia à margem: crime, desvio e trabalho de campo).

<sup>8</sup> É digno de registro o trabalho pioneiro de Alba Zaluar ao tratar do tema da violência urbana. A sua ousadia em frequentar um local da cidade tido como inóspito e violento para seus pares (e classe social) resultaram em um trabalho sério que abriu um campo de pesquisa para vários cientistas sociais.

<sup>9</sup> Em 2000, numa pesquisa sobre violência, estilos de lazer e tráfico em três bairros do Rio de Janeiro, o comandante do Batalhão da Polícia Militar de Copacabana cobrou de Alba Zaluar e sua equipe esclarecimentos a respeito de uma matéria sobre a pesquisa veiculada no *Jornal do Brasil*. Alba e eu, juntamente com Rodrigo Monteiro, escrevemos um artigo que foi publicado no *Jornal do Brasil*, em 07-08-2000, alertando para os constrangimentos que os pesquisadores poderiam vir a ter com o cerceamento do trabalho científico feito pelas autoridades.

Janeiro. Além disso, procuro demonstrar as suas conexões com o crime organizado e o papel das polícias na relação com traficantes.

A segunda parte, com quatro capítulos, tem o objetivo de narrar o percurso dos indivíduos entrevistados na atividade do tráfico. Trata-se, portanto, de uma etnografia que visa reconstruir não as biografias individuais, mas as atividades nas quais os indivíduos operaram. As motivações que impulsionaram a entrada e permanência nas quadrilhas e a constituição das subjetividades vividas durante esse período dentro do tráfico, é a tarefa desta sessão.

A terceira parte, em três capítulos, descreve a passagem dos indivíduos no sistema prisional. De que maneira esta experiência afetou a decisão de abandonar a carreira criminosa. Neste sentido, a conversão religiosa obtém um destaque. Mas não apenas a religião construiu a motivação para a tomada de decisão de, uma vez em liberdade, não voltar para o tráfico. A recomposição de laços sociais torna-se obrigatória para ensejar a desistência de retornar ao tráfico.

A quarta e última parte visa expor a recomposição da vida dos indivíduos após a passagem pelo tráfico e a prisão. Os projetos pessoais e as expectativas quanto às possibilidades de reinserção, assim como a importância de políticas públicas que atendam um contingente expressivo de indivíduos movidos a não regressar às práticas criminosas são discutidos em três capítulos

Muitos trabalhos na área de Saúde apontam para a importância da prevenção primária, com o seu foco voltado para os aspectos socioculturais e os fatores ambientais que ampliam a probabilidade de vitimização de crianças e adolescentes em locais com elevado risco de violência. As medidas de prevenção secundária estão direcionadas para grupos sociais marginalizados que possuem fácil acesso às armas e ao uso de drogas. As ações de prevenção terciária concentram seus esforços em orientação psicológica e jurídica para indivíduos que foram produtores de violência, como também vítimas da mesma.

Esta tese busca contribuir para a criação de dinâmicas que criem oportunidades de reinserção de indivíduos que atuaram no tráfico de drogas na vida social.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sergio. A criminalidade urbana violenta no Brasil: um recorte temático. **Bib**, Rio de Janeiro, n.35, 1993, p.03-24.

AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho, a história do crime organizado**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ASBURY, Herbert. **As gangues de Nova York. Uma história informal do submundo**. São Paulo: Globo, 2002.

ATHAYDE, Celso.; MVBill; SOARES, Luis Eduardo. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BARCELLOS, Caco. **Abusado: O Dono do morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Segredos e truques de pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CALDEIRA, César. A política do cárcere duro: Bangu 1. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol.18, n.1, p.87-102, jan./mar. 2004.

\_\_\_\_\_. Segurança pública e sequestros no Rio de Janeiro: 1995/96. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, Rio de Janeiro, n.20, out./dez. 1997.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**. São Paulo: Editora 34/EdUSP,1992.

CANCLINI, Néstor Garcia **Consumidores e Cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1999.

CECHETTO, Fátima. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1982.

- CHEVALIER, Louis. **Classes laborieuses et classes dangereuses**. Paris: Pluriel, 1978.
- COELHO, Edmundo Campos. **A oficina do diabo**. Rio de Janeiro, 2005.
- DELASSOPA, Emilio. Violência, estrutura de relações sociais e interação: relações de conluio na sociedade brasileira. **Série Estudos**, Rio de Janeiro, n.91, 1995.
- ELIAS, Norbert. **Estabelecidos e outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernidade e identidade**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1997.
- FERRELL, Jeff; HAMM, Mark. **Etnography at the edge – crime, deviance, and field research**. Boston : Northeastern University Press, 1998.
- FOOTE-WHYTE, William. **A Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed USP, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GUIMARÃES, Eloísa. **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HELD, David; MCGREW, Anthony. **Prós e contras da globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- KOSSELECK, Reinhart. Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, p.134-146, 1992.
- LIMA, Miriam Assumpção. **Confiança na polícia: experiência, informação e reflexão como fatores intervenientes**. Belo Horizonte: Dissertação de mestrado, Escola de Governo João Pinheiro, 2003.
- LIMA, William da Silva. **Quatrocentos contra um, uma história do Comando Vermelho**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- MARQUES, Ana Paula. (Org). **Conflitos, política e relações pessoais**. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- MONTEIRO, Rodrigo. **Torcer, lutar: o inimigo massacrar**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MONTEIRO, Simone; CECHETTO, Fátima. Trayectorias juveniles e intervenciones sociales: repercusiones en las prácticas sociales y en la salud. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 22, v. 1, 2006.
- NASCIMENTO, Jorge Luiz de Carvalho. **A droga como crime: discriminação racial?**. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, UERj/PPCIS, 2000.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização & cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PARK, Robert; BURGESS, Ernest. **Introduction to the science of sociology**. Chicago: Chicago University Press, 1921.
- PEREIRA, Luiz Fernando Almeida. **De olhos bem abertos: redes de tráfico em Copacabana**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- PINHEIRO, Paulo Sergio. Violência fatal: conflitos policiais em São Paulo (1981-1989). **Revista da USP**, São Paulo, n.95, mar./mai. 1991.
- RAFAEL, Antonio. **Um abraço para todos**. Niterói: EdUFF, 1998.
- REZENDE, Claudia Barcellos. **O significado da Amizade**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- \_\_\_\_\_. Mágoa de amizade. Um ensaio em Antropologia das emoções. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v.8, n. 2, 2002.
- SASSEN, Saskia. **The global city: New York, London, Tokyo**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1991.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1987.
- SCHIRAY, Michel. Lês filières-stupéfiants: trois niveaux, cinq logiques. **Futuribles**, Paris, v.185, p.25-45, 1994.
- SENTO-SE, João Trajano (Org). **Prevenção da violência: o papel das cidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SHAW, Clifford; MACKAY, Henry. **Juvenile Delinquence and Urban Areas**. Chicago. Chicago University Press, 1942.
- SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO Otavio. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p.13-28.

SOARES, Luiz Eduardo. **Segurança tem saída**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Violência e política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume –Dumará, 1996.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**. Rio de Janeiro, Luperj, 2006.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

VELHO, Gilberto. **Nobres & anjos**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique (org) (2005). **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Ed Alameda/Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.

WAIZBORT, Leopoldo (Org). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: EdUsp, 1999.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. O Rio contra o crime. **Revista presença**, Rio de Janeiro, n.5, 1985b.

\_\_\_\_\_. Teleguiados e chefes. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n.14, 1990.

\_\_\_\_\_. **O condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: UFRJ/Revan, 1994.

\_\_\_\_\_. **Cidadãos não vão ao Paraíso**. São Paulo: Unicamp/ Escuta, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Integração perversa; pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.